

## DO QUE TRATA A ACD – UM RESUMO DE SUA HISTÓRIA, CONCEITOS IMPORTANTES E SEUS DESENVOLVIMENTOS\*<sup>[\*\*]</sup>

Ruth Wodak<sup>\*\*\*</sup>

---

**Resumo:** Este artigo apresenta uma retrospectiva dos estudos no campo da Análise Crítica do Discurso (ACD). Inicialmente, explico o significado dos termos ACD e LC (Linguística Crítica), e de como se formou um grupo científico de estudo reunindo os precursores da ACD. A seguir, traço uma breve história da LC e da ACD como um novo campo de estudos discursivos, e passo então à definição de noções-chaves para o campo, como ‘crítica’, ‘ideologia’ e ‘poder’. Finalizo essa retrospectiva apontando algumas questões e perspectivas ainda abertas dentro do campo.

**Palavras-chave:** análise crítica do discurso; linguística crítica; ideologia; poder.

---

Além da descrição ou da aplicação superficial, a ciência crítica de cada campo de conhecimento levanta questões que vão além, como as que dizem respeito à responsabilidade, interesses, e ideologia. Ao invés de focalizar problemas puramente acadêmicos ou teóricos, a ciência crítica toma como ponto de partida problemas sociais vigentes, e assim adota o ponto de vista dos que sofrem mais, e analisa de forma crítica os que estão no poder, os que são responsáveis, e os que dispõem de meios e oportunidades para resolver tais problemas. (VAN DIJK, 1986, p. 4)

Desenvolver estratégias para a ação política a partir da teoria crítica é o desejo de quem tem intenções sérias. Entretanto, não existem prescrições ou fórmulas gerais, exceto talvez a necessidade de que cada um reflita sobre suas próprias responsabilidades. (HORKHEIMER, apud O’NEILL, 1979)

---

\* Este breve resumo resultou de discussões longas e complexas com meus amigos, colegas e co-pesquisadores, assim como com meus alunos. Gostaria de mencionar e agradecer a Rudi De Cillia, Martin Reisigl, Gertraud Benke, Gilbert Weiss, Bernd Matouschek e Richard Mitten, com os quais venho trabalhando há vários anos. Além disso, muitas das idéias apresentadas foram desenvolvidas em trabalhos com meus alunos. Gostaria de agradecer a Usama Suleiman, Alexander Pollak e Christine Anthonissen por seus muitos insights e elaborações, assim como por seus comentários e críticas inspiradoras. Finalmente, gostaria de agradecer ao meu grupo de estudos, sobre o qual escrevi, e aos muitos outros colegas que não pude mencionar aqui.

[\*\*] N. das Orgs.: Este artigo foi originalmente publicado em inglês In: WODAK, R.; MEYER, M. (Orgs.). *Methods of Critical Discourse Analysis*. London: Sage, 2001. [Tradução de Débora de Carvalho Figueiredo]

[\*\*\*] Professora da University of Lancaster. Doutora em Linguística textual.

## 1 COMENTÁRIOS PRELIMINARES

Os termos *Linguística Crítica* (LC) e *Análise Crítica do Discurso* (ACD) são frequentemente usados como sinônimos. Na verdade, nos últimos tempos parece que o termo ACD tem sido preferido, e tem sido usado para referir-se à teoria anteriormente identificada como LC. A ACD concebe a “linguagem como prática social” (FAIRCLOUGH e WODAK, 1997), e considera o contexto de uso da linguagem como um elemento crucial (WODAK, 2000c; BENKE, 2000). Além disso, a ACD tem um interesse particular na relação entre linguagem e poder. Nos últimos tempos, o termo ACD tem sido usado, mais especificamente, para referir-se à abordagem linguística crítica adotada por pesquisadores que consideram a unidade mais ampla do texto como a unidade comunicativa básica. Essas pesquisas se voltam especificamente para os discursos institucional, político, de gênero social, e da mídia (no sentido mais amplo), que materializam relações mais ou menos explícitas de luta e conflito.

A citação de van Dijk, usada acima como um epígrafe, resume alguns dos objetivos e metas da LC e da ACD, particularmente aqueles que indicam a interdependência entre os interesses de pesquisa e os comprometimentos políticos naquilo que o autor descreve como ciência crítica. A noção atórica de ‘crítica’, assim como foi utilizada na afirmação pragmática de van Dijk, enfatiza o sentido costumeiro de “crítica que esse tipo de pesquisa personifica”. Dentro desse ‘espírito crítico’, eu gostaria de apresentar uma descrição panorâmica de alguns princípios teóricos básicos da LC e da ACD<sup>1</sup>, e breves descrições das mais proeminentes escolas que emergiram dentro da LC e da ACD. De fato, a heterogeneidade de abordagens teóricas e metodológicas representada nesse campo da linguística tende a confirmar a opinião de van Dijk de que a ACD e a LC “são, quando muito, uma perspectiva compartilhada sobre como fazer análise linguística, semiótica e do discurso” (VAN DIJK, 1993, p. 131).

Essa perspectiva compartilhada está relacionada ao termo ‘crítica’ que, no trabalho de alguns linguistas críticos, pode ser inicialmente ligado à influência da Escola de Frankfurt ou de Jürgen Habermas (THOMPSON, 1988, p. 71; FAY, 1987, p.

---

<sup>1</sup> Os termos LC e ACD foram cunhados independentemente um do outro, e alguns praticantes tanto da LC quanto da ACD talvez encontrem pontos sobre os quais não concordem. Em termos gerais, poderíamos dizer que aqueles pesquisadores cujos trabalhos podem ser descritos por qualquer uma dessas categorias ocupam o mesmo espaço ‘paradigmático’. Neste trabalho, os dois termos, assim como seus derivados, tais como “linguistas críticos” ou “analistas críticos do discurso”, serão usados de forma intercambiável.

203; ANTHONISSEN, 2001). Atualmente, entretanto, o termo ‘crítica’ está sendo usado, de modo convencional, num sentido mais amplo, denotando, como argumenta Krings, a combinação prática do “engajamento social e político” com “uma construção de sociedade sociologicamente embasada” (KRINGS et al., 1973, p. 808), e ao mesmo tempo reconhecendo, como aponta Fairclough, “que, em questões humanas, as interconexões e as redes de causa e efeito podem ser distorcidas a ponto de saírem do campo de visão. Assim, a atividade crítica consiste, essencialmente, em tornar visível a natureza interligada das coisas” (FAIRCLOUGH, 1985, p. 747; veja também CONNERTON, 1976, p. 11-39, e os comentários abaixo).

Dessa forma, a LC e a ACD podem ser definidas como campos fundamentalmente interessados em analisar relações estruturais, transparentes ou veladas, de discriminação, poder e controle manifestas na linguagem. Em outras palavras, a ACD almeja investigar criticamente como a desigualdade social é expressa, sinalizada, constituída, legitimada, e assim por diante, através do uso da linguagem (ou no discurso). Dessa forma, a maioria dos analistas críticos do discurso endossaria a afirmação de Habermas de que “a linguagem também é um meio de dominação e força social. Ela serve para legitimar relações de poder organizado. Na medida em que as legitimações das relações de poder, [...] não são articuladas, [...] a linguagem é também ideológica” (HABERMAS, 1977, p. 259, e abaixo).

Em contraste com outros paradigmas da análise do discurso e da lingüística textual, a LC e a ACD focalizam não só os textos, falados ou escritos, como objetos de investigação. Uma abordagem realmente crítica do discurso exigiria, portanto, uma teorização e descrição tanto dos processos e estruturas sociais que levam à produção de um texto, quanto das estruturas e processos sociais no seio dos quais indivíduos ou grupos, como sujeitos sócio-históricos, criam significados em suas interações com os textos (FAIRCLOUGH e KRESS, 1993, p. 2.). Conseqüentemente, três conceitos são indispensáveis para a ACD: o conceito de poder, o conceito de história, e o conceito de ideologia<sup>2</sup>.

Diferentemente de algumas das pesquisas em pragmática e sociolingüística tradicional, nas quais, de acordo com os lingüistas críticos, as variáveis contextuais

---

<sup>2</sup> A literatura sobre ACD e LC é vasta. Conseqüentemente, só posso fornecer um sumário muito breve, e, portanto também muito simplificado (cf. em FAIRCLOUGH e WODAK, 1997; REISIGL e WODAK, 2001; ANTHONISSEN, 2001; e BLOMMAERT e BULCAEN, 2000 revisões extensas e detalhadas).

são correlacionadas de forma algo ingênua com um sistema autônomo de linguagem (por exemplo, KRESS e HODGE, 1979), a LC e a ACD tentam evitar estabelecer uma relação simplista de determinação entre os textos e o social. Levando em conta as premissas de que o discurso é estruturado pela dominação<sup>3</sup>; que cada discurso é historicamente produzido e interpretado, isto é, está situado no tempo e no espaço; e que as estruturas de dominação são legitimadas pelas ideologias dos grupos que detém o poder, a abordagem complexa defendida pelos proponentes da LC e da ACD possibilita a análise das pressões verticalizadas, e das possibilidades de resistência às relações desiguais de poder, que figuram como convenções sociais. A partir dessa perspectiva, as estruturas dominantes estabilizam as convenções e as naturalizam, isto é, os efeitos da ideologia e do poder na produção de significados são mascarados, e assumem formas estáveis e naturais: eles são tomados como ‘dados’. A resistência é vista, então, como a quebra de convenções, de práticas discursivas estáveis, através de atos de “criatividade” (FAIRCLOUGH e KRESS, 1993, p. 4).

A ACD atual, é claro, estabelece uma relação de enorme continuidade com a LC (veja, por exemplo, FAIRCLOUGH e WODAK, 1997; BLOMMAERT e BULCAEN, 2000), desenvolvida nos anos 1970 e 1980, principalmente na University of East Anglia com Roger Fowler, Tony Trew e Gunther Kress (veja abaixo). Essa continuidade é visível principalmente na afirmação de que os discursos são ideológicos, e que os signos não são arbitrários (veja também KRESS, 1993). A lingüística sistêmica funcional mostrou-se extremamente importante para a análise textual realizada por essa escola (veja HALLIDAY, 1978).

Podemos encontrar outras raízes da LC e da ACD na retórica clássica, na lingüística textual e na sociolingüística, assim como na lingüística aplicada e na pragmática. Os conceitos de ideologia, poder, hierarquia e gênero social, assim como variáveis sociológicas estáticas, foram considerados relevantes para a interpretação ou explicação do texto. Os temas investigados variam de acordo com os vários departamentos e estudiosos que aplicam a ACD. Questões de gênero social, de racismo, os discursos da mídia, ou as dimensões da identidade, tornaram-se proeminentes (veja WODAK et al., 1999; BLOMMAERT e VERSCHUEREN, 1999; MARTÍN-ROJO e VAN DIJK, 1997; PEDRO, 1977; MARTÍN-ROJO e WHITTAKER, 1998; muitos editoriais da revista *Discourse and Society* ao longo dos anos, em especial o

---

<sup>3</sup> Poderíamos postular, no sentido Habermasiano, que cada situação de fala é ‘distorcida’ por estruturas de poder, especialmente em contraste à utopia de Habermas da “situação de fala ideal”, na qual o discurso racional se tornaria possível (HABERMAS, 1969, 1971; WODAK, 1996a, b).

debate entre Emanuel Schegloff e Michael Billig nas edições 2-4, 1999/ 2-4, 2000). As metodologias também diferem consideravelmente: podemos encontrar pequenos estudos de caso qualitativos, assim como grandes corpora de dados, provenientes de trabalhos de campo e pesquisas etnográficas.

## 2 PARA INÍCIO DE CONVERSA: UMA PEQUENA HISTÓRIA SOBRE A FORMAÇÃO DE UM ‘GRUPO CIENTÍFICO DE ESTUDO’

A ACD como uma rede de estudiosos emergiu no início dos anos 1990, depois de um pequeno simpósio em Amsterdã, em janeiro de 1991. Por acaso, e com o apoio da University of Amsterdã, Teun van Dijk, Norman Fairclough, Gunther Kress, Teo van Leeuwen e Ruth Wodak passaram dois dias juntos, e tiveram a maravilhosa oportunidade de discutir teorias e métodos de análise do discurso, especificamente de ACD. O encontro permitiu que todos confrontassem entre si abordagens distintas e diferenciadas, abordagens que ainda marcam as tendências existentes hoje (veja os artigos em WODAK e MEYER, 2001, e a literatura relacionada). Nesse processo de formação de um grupo, diferenças e similaridades foram expostas; diferenças em relação a outras teorias e metodologias em análise do discurso (veja TITSCHER et al., 2000), e semelhanças numa forma programática que poderiam estruturar as diferentes abordagens teóricas apresentadas pelas várias biografias e escolas dos estudiosos que formavam o grupo.

É claro que o início dessa rede de ACD é também marcado pelo lançamento da revista *Discourse and Society* (1990), editada por van Dijk, assim como por vários livros, como *Language and Power*, de Norman Fairclough (1989), *Language, Power and Ideology*, de Ruth Wodak (1989), ou do primeiro livro sobre racismo escrito por Teun van Dijk, *Prejudice in Discourse* (1984). Mas o encontro de Amsterdã estabeleceu um começo institucional, uma tentativa tanto de iniciar um programa de intercâmbio (ERASMUS durante três anos)<sup>4</sup> e múltiplos projetos conjuntos e colaborações entre os diferentes estudiosos e as diferentes abordagens, assim como uma edição especial da revista *Discourse and Society* (1993), que reuniu as abordagens mencionadas acima. Desde então, muita coisa mudou, tanto em termos de agenda, quanto em termos dos pesquisadores envolvidos. Novos periódicos foram

<sup>4</sup> A rede Erasmus consistia em uma cooperação entre Siegfried Jäger, Duisburg, Per Linell, Linköping, Norman Fairclough, Lancaster, Teun van Dijk, Amsterdã, Gunther Kress, Londres, Theo van Leeuwen, Londres, e Ruth Wodak, Viena.

lançados, inúmeros 'estado da arte' foram escritos, fazendo com que hoje a ACD seja um paradigma estabelecido dentro da lingüística.

A partir desse primeiro encontro (é claro que a LC e a ACD já existiam anteriormente, mas não como um grupo internacional, heterogêneo e unificado de estudiosos), passaram a ocorrer simpósios anuais, acompanhando o surgimento de um paradigma, unificado mais por uma agenda de pesquisa do que por uma teoria ou metodologia comuns. Mais e mais estudiosos passaram a participar dessas conferências, e mais pesquisadores passaram a pesquisar em ACD, como por exemplo, Ron Scollon. Estudiosos dos países de fala germânica raramente participavam porque as conferências eram sempre realizadas em inglês. Ainda assim, Utz Maas, assim como Siegfried Jäger, e suas abordagens, foram compreendidas e reconhecidas (veja FAIRCLOUGH e WODAK, 1997; TITSCHER et al., 2000). Isso explica, por exemplo, a grande variedade de abordagens adotada em *Methods of Critical Discourse Analysis* (WODAK e MEYER, 2001), tanto em termos teóricos quanto empíricos, e a gama de ferramentas lingüísticas usadas para analisar o discurso. As críticas que costumam ser feitas à ACD cobrem várias dimensões, que também são discutidas em Wodak e Meyer, 2001: a abordagem hermenêutica à análise do texto; o amplo contexto utilizado para interpretar os textos; a fundamentação teórica, com frequência muito extensa, que nem sempre se adapta aos dados; e, principalmente, a posição política explícita assumida pelos pesquisadores (veja em TITSCHER et al., 2000 uma visão panorâmica das críticas feitas à ACD, e também em MEYER, 2001).

### **3 A HISTÓRIA DA LINGÜÍSTICA CRÍTICA E DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO**

Os anos 1970 testemunharam o surgimento de uma forma de análise do discurso e do texto que reconhecia o papel da linguagem na estruturação de relações de poder na sociedade (veja em ANTHONISSEN, 2001 um sumário desse desenvolvimento). Naquela época, grande parte das pesquisas lingüísticas realizadas em outros centros focalizava os aspectos formais da linguagem que constituíam a competência lingüística dos falantes, e que podiam, em teoria, ser isolados dos exemplos reais de uso da linguagem (CHOMSKY, 1957). Nos campos onde a relação entre a linguagem e o contexto era levada em conta, como na pragmática (LEVINSON, 1983), com um foco na competência pragmática/sociolingüística dos falantes, as sentenças e

seus componentes ainda eram considerados as unidades básicas. Muitas das pesquisas sociolinguísticas da época tinham como objetivo descrever e explicar a variação linguística, a mudança linguística e as estruturas de interação comunicativa, dando pouco atenção a questões de hierarquia social e poder (LABOV, 1972; HYMES, 1972). Nesse contexto, a atenção aos textos, sua produção e interpretação, e sua relação com impulsos e estruturas sociais, sinalizava um tipo de interesse bastante diferente (de BEAUGRANDE e DRESSLER, 1981; veja em TITSCHER et al., 2000 um sumário). Os trabalhos de Kress e Hodge (1979), Fowler et al. (1979), van Dijk (1985), Fairclough (1989) e Wodak (1989) servem para explicar e ilustrar as principais premissas, princípios e procedimentos do que então havia se tornado conhecido como LC.

Kress (1990, p. 84-97) oferece um relato dos fundamentos teóricos e das fontes da linguística crítica. Ele argumenta que o termo LC foi “adaptado de forma bastante deliberada” (1990, p. 88) a partir de seu contraponto sócio-filosófico, como um rótulo para um grupo de estudiosos que trabalhavam na University of East Anglia nos anos 1970 (veja também WODAK, 1996a; BLOMMAERT e BULCAEN, 2000). Nos anos 1990 o termo ACD passou a ser usado, de forma consistente, para referir-se a essa abordagem particular de análise linguística. Kress (1990, p. 94) mostra como a ACD, por volta desse período, estava “emergindo como uma teoria distinta sobre a linguagem, uma forma radicalmente diferente de linguística”. Ele enumera os critérios que caracterizam os trabalhos que seguem o paradigma da análise crítica do discurso, ilustrando como esses critérios distinguem tais trabalhos de outras análises do discurso politicamente engajadas. Fairclough e Wodak (1997) levaram esses critérios adiante e estabeleceram dez princípios básicos de um programa de ACD. Em Wodak e Meyer 2001, encontramos uma elaboração ainda mais ampla dessas asserções e propostas programáticas.

Muitas das concepções básicas da LC/ACD que se destacavam nos estágios iniciais de estabelecimento do campo, e que foram elaboradas em desenvolvimentos posteriores da teoria, são articuladas no trabalho de Kress. Elas incluem concepções como:

- A linguagem é um fenômeno social.
- Não apenas indivíduos, mas também as instituições e os grupos sociais possuem significados e valores específicos, que são expressos de forma sistemática por meio da linguagem.

Do que trata a ACD - um resumo de sua história...

- Os textos são as unidades relevantes da linguagem na comunicação.
- Os leitores/ouvintes não são recipientes passivos quando se relacionam com os textos.
- Há similaridades entre a linguagem da ciência e a linguagem das instituições, e assim por diante (KRESS, 1989).

Kress se concentra na 'economia política' dos meios de representação: isto é, ele tenta entender como diferentes sociedades valorizam distintos modos de representação, e como os utilizam. Um aspecto central desse trabalho é a tentativa de entender a formação de cada ser humano como um indivíduo social em resposta aos "recursos representacionais" disponíveis.

O cargo atual de Kress como membro de um instituto de pesquisa educacional fez com que grande parte de seus esforços tenha sido canalizada para a reflexão sobre o conteúdo dos currículos educacionais em termos de recursos representacionais, e de como os indivíduos utilizam esses recursos num processo de transformação constante de suas subjetividades, processo esse habitualmente chamado de 'aprendizagem'. Um sub-produto desse interesse de pesquisa tem sido seu envolvimento crescente em questões manifestamente políticas, incluindo a política cultural.

Referi-me anteriormente a Fowler et al. (1979), de forma a indicar os primeiros fundamentos da LC. Trabalhos posteriores de Fowler (1991, 1996) mostram como as ferramentas fornecidas pelas teorias lingüísticas padrão (uma versão de 1965 da gramática de Chomsky, e a teoria da gramática sistêmica funcional de Halliday) podem ser usadas para revelar as estruturas lingüísticas de poder presentes nos textos. Não apenas no discurso jornalístico, mas também na crítica literária, Fowler ilustra como mecanismos gramaticais sistemáticos possuem a função de estabelecer, manipular e naturalizar hierarquias sociais.

Fairclough (1989) estabelece as teorias sociais que sustentam a ACD e, como em outros trabalhos críticos anteriores, analisa uma variedade de exemplos textuais para ilustrar o campo, seus objetivos e métodos de análise. Mais tarde, Fairclough (1992, 1995) e Chouliaraki e Fairclough (1999) explicam e elaboram alguns avanços da ACD, mostrando não somente como o quadro analítico para investigar a linguagem em relação ao poder e à ideologia se desenvolveu, mas também como a ACD é útil para revelar a natureza discursiva de muitas das mudanças sociais e culturais



contemporâneas. Em particular, a linguagem da mídia de massa é detalhadamente analisada como um espaço de poder, de lutas, e também como um espaço onde a linguagem é aparentemente transparente. As instituições midiáticas costumam se considerar neutras por que acreditam que dão espaço para o discurso público, refletem os estados de coisas de forma desinteressada, e expressam as percepções e os argumentos dos jornalistas. Fairclough demonstra a falácia dessas presunções, e ilustra o papel mediador e construtivo da mídia através de uma variedade de exemplos.

Os trabalhos iniciais de van Dijk em lingüística textual e análise do discurso (1977, 1981) já demonstravam seu interesse nos textos e nos discursos como unidades básicas e como práticas sociais. Como outros teóricos da lingüística crítica, ele traça as origens do interesse por unidades lingüísticas maiores que a sentença, e de como os significados dependem do texto-contexto. Van Dijk e Kintsch (1983) consideraram a relevância do discurso para o estudo do processamento da linguagem. Esses autores desenvolverem um modelo cognitivo de como os indivíduos entendem o discurso, que gradualmente gerou outros modelos cognitivos para explicar a construção do significado em um nível social. Na obra *Handbook of Discourse Analysis (Manual de Análise do Discurso)* (1985), van Dijk reuniu os trabalhos de vários estudiosos para os quais a linguagem e seu funcionamento discursivo é, sob perspectivas variadas, o principal objeto de pesquisa, ou uma ferramenta utilizada na investigação de outros fenômenos sociais. Essa obra é, de certa forma, um registro do 'estado da arte' da lingüística crítica em meados dos anos 1980, que levou então à criação de um novo manual (VAN DIJK, 1997). Novas questões tornaram-se proeminentes, e passarei a discuti-las abaixo.

Van Dijk se volta especificamente para o discurso da mídia, contribuindo não apenas com suas próprias reflexões sobre a comunicação na mídia de massa (van Dijk, 1986), mas também reunindo as teorias e as aplicações de uma variedade de estudiosos interessados na produção, usos e funções dos discursos midiáticos (van Dijk, 1985). Ao analisar criticamente uma série de discursos que codificam preconceitos, o interesse de van Dijk é desenvolver um modelo teórico que explique os mecanismos do processamento cognitivo do discurso (WODAK e VAN DIJK, 2000). Mais recentemente, van Dijk tem investigado questões de racismo e ideologia (VAN DIJK, 1998).

Por volta do final dos anos 1980, a LC havia conseguido descrever seus objetivos, interesses de pesquisa, perspectiva e métodos de análise de forma muito mais específica e rigorosa do que anteriormente. Wodak (1989) enumera, explica e ilustra as características mais importantes da pesquisa em linguística crítica, tal como foram estabelecidas em projetos continuados de pesquisa. A importância de investigar o uso da linguagem em ambientes institucionais é reiterada, assim como a necessidade da adoção de uma perspectiva histórica (a abordagem histórica do discurso). A isso se seguiu uma variedade de projetos de pesquisa sobre práticas discursivas em contextos institucionais, que auxiliaram o desenvolvimento de uma teoria integrada de análise crítica do discurso (veja WODAK, 2001b).

Wodak (1996a, b) mostra como os estudiosos que passaram a se dedicar à análise linguística, semiótica e discursiva, a partir de diferentes campos acadêmicos, compartilham uma perspectiva particular dentro da qual os conceitos de poder, ideologia e história são centrais. Numa visão panorâmica do desenvolvimento de uma tradição crítica na análise do discurso, a autora menciona o uso da linguística hallidayana, da sociolinguística de Bernstein, e também do trabalho de críticos literários e filósofos como Pêcheux, Foucault, Habermas, Bakhtin e Voloshinov. Ela apóia a sugestão de outros linguistas críticos que acreditam que as relações entre a linguagem e a sociedade são tão complexas e multifacetadas que é necessário adotar um foco interdisciplinar de pesquisa.

Alguns analistas de orientação crítica preferem focalizar características microlinguísticas, macrolinguísticas, textuais, discursivas ou contextuais dos textos, enquanto outros seguem uma linha basicamente filosófica, sociológica ou histórica – entretanto, em quase todos os estudos há referências à gramática sistêmica funcional de Halliday. Isso indica que compreender as premissas básicas da gramática hallidayana e sua abordagem à análise linguística é essencial para uma compreensão mais ampla da ACD. Uma descrição da contribuição de Halliday para o desenvolvimento da LC pode ser encontrada no próprio trabalho de Halliday (1978, 1985), assim como na pesquisa de outros estudiosos que têm trabalhado de perto com a gramática hallidayana, e que não apenas aplicaram essa teoria, mas que também a elaboraram. Sugiro que os leitores consultem especificamente: Kress (1976), Martin e Hasan (1989), Martin (1992) e Iedema (1997, 1999). Já no início dos anos 1970 M.A.K. Halliday enfatizava a relação entre o sistema gramatical e as necessidades sociais e pessoais que a linguagem precisa atender (HALLIDAY, 1970; 142). Halliday identificou três metafunções linguísticas que estão continuamente

interconectadas: primeiro, a função ideacional, através da qual a linguagem estrutura a experiência (a estrutura ideacional mantém uma relação dialética com a estrutura social, tanto a refletindo quanto a influenciando); segundo, a função interpessoal, que constitui relações entre os participantes; e terceiro, a função textual, que constitui a coerência e a coesão nos textos.

Além disso, a teoria da argumentação e a retórica têm sido combinadas, com sucesso, com a lingüística sistêmica funcional (veja REISIGL e WODAK, 2001; MUNTIGL et al., 2000; VAN LEEUWEN e WODAK, 1999).

O reconhecimento da contribuição de todos os aspectos do contexto comunicativo para o significado do texto, assim como uma crescente consciência, nos estudos da mídia em geral, da importância dos aspectos não-verbais dos textos, fez com que a atenção de alguns pesquisadores se voltasse mais para os mecanismos semióticos presentes no discurso do que para os lingüísticos. Theo van Leeuwen realizou trabalhos pioneiros sobre a interação entre o verbal e o visual nos textos e no discurso, assim como sobre o significado das imagens. Devemos enfatizar particularmente a teoria desenvolvida por Kress e van Leeuwen (1996), visto que ela apresenta um modelo eficaz que permite considerar o potencial comunicativo dos recursos visuais utilizados na mídia (veja ANTHONISSEN, 2001; R. SCOLLON, 2001). Devemos também mencionar a extremamente relevante ‘análise de atores sociais’ realizada por van Leeuwen (1996), que consiste em uma forma sistemática de analisar os protagonistas e seus papéis semânticos em discursos de vários gêneros.

Van Leeuwen estudou a produção cinematográfica e televisiva, assim como a lingüística hallidayana. Suas principais publicações envolvem tópicos como a entonação de *disc jockeys* e apresentadores de jornais, a linguagem de entrevistas de televisão e reportagens jornalísticas, e, mais recentemente, a semiótica da comunicação visual e da música. Sua abordagem o tem levado cada vez mais para o campo da educação. Van Leeuwen distingue dois tipos de relações entre discursos e práticas sociais:

O discurso em si [como] prática social, discurso como uma forma de ação, como algo que as pessoas fazem para, ou com, as outras. E também há o discurso no sentido foucaultiano, discurso como uma forma de representar a(s) prática(s) social(ais), como uma forma de conhecimento, como as coisas que as pessoas falam sobre a(s) prática(s) social(is). (1993a, p. 193)

A “análise crítica do discurso”, segundo van Leeuwen, “está, ou deveria estar, interessada nesses dois aspectos, no discurso como o instrumento de poder e controle, assim como no discurso como o instrumento de construção social da realidade” (ibid).

A escola de Duisburg é marcadamente influenciada pelas teorias de Michel Foucault. Siegfried Jäger está interessado nas características lingüísticas e icônicas do discurso, focalizando os “símbolos coletivos” (topoi), que possuem uma importante função coesiva nos textos. O discurso é visto como o fluxo do texto e da fala através do tempo (JÄGER, 1993, p. 6). Os discursos têm raízes históricas, e são interligados (*diskursives Gewimmel*). Jäger desenvolveu um programa de pesquisa e uma metodologia bastante explícitos, que permitem que a análise seja realizada em vários passos. Seus principais tópicos de pesquisa têm sido os discursos de direita na Alemanha, assim como a análise de tablóides (*Bildzeitung*). (Veja também em TITSCHER et al., 2000, uma revisão extensa da abordagem Lesarten e da escola de Duisburg).

#### **4 OS CONCEITOS DE ‘CRÍTICA’, ‘IDEOLOGIA’ E ‘PODER’**

O conceito de ‘crítica’, que é inerente ao programa da ACD, é também definido de formas bastante diferentes: alguns aderem à escola de Frankfurt, outros a uma noção da crítica literária, outros ainda a noções de Marx (veja comentários acima; uma revisão do tema também pode ser encontrada em REISIGL e WODAK, 2001). Basicamente, a noção de ‘crítica’ significa distanciar-se dos dados, situar os dados no social, adotar uma posição política de forma explícita, e focalizar a auto-reflexão, como compete a estudiosos que estão fazendo pesquisa. Para todos os que estão envolvidos com a ACD, a aplicação dos resultados é extremamente importante, seja em seminários práticos para professores, médicos ou funcionários públicos, ou na produção de pareceres técnicos, ou no desenvolvimento de livros didáticos. Isso, é claro, confirma a opinião de Horkheimer, que eu usei como um epígrafa no início desse artigo.

Max Horkheimer, diretor do Instituto de Pesquisa Social em Frankfurt nos anos 1930, acreditava que o teórico tem como função articular e auxiliar o desenvolvimento de uma consciência latente de classe. As tarefas da teoria crítica eram ajudar a recordar um passado que corria o risco de ser esquecido, lutar pela emancipação, esclarecer as razões dessa luta, e definir a natureza do pensamento

crítico em si. A relação entre teoria e prática era vista como um processo dinâmico: não existe nenhum sistema invariável que possa determinar como a teoria vai guiar as ações humanas. Horkheimer acreditava que nenhum método único podia produzir resultados definitivos e confiáveis sobre qualquer objeto de pesquisa, que adotar uma só abordagem em relação a uma dada questão significava correr o risco de obter uma imagem distorcida. Sua sugestão era a adoção de vários métodos de pesquisa, que se suplementariam mutuamente. Embora reconhecesse a importância do trabalho empírico, Horkheimer argumentava que não havia substituto para a análise teórica.

A referência à contribuição da teoria crítica para a compreensão da ACD, assim como os conceitos de ‘crítica’ e ‘ideologia’, são importantes (veja em ANTHONISSEN, 2001 uma extensa discussão dessa questão)<sup>5</sup>. Thompson (1990) discute os conceitos de ideologia e cultura, e as relações entre esses conceitos e certos aspectos da comunicação de massa. Ele aponta que o conceito de ideologia foi usado pela primeira vez no final do século XVIII na França, e que, portanto, vem sendo usado por volta de dois séculos. O termo tem recebido diferentes funções e significados ao longo do tempo. Para Thompson, a ideologia refere-se às formas e processos sociais dentro das quais, e através das quais, formas simbólicas circulam no mundo social.

Para a ACD, a ideologia é vista como um importante aspecto da criação e manutenção de relações desiguais de poder. A LC tem um interesse particular em como a linguagem media a ideologia numa variedade de instituições sociais.

Para Thompson (1990), o estudo da ideologia é o estudo “de como o significado é construído e transmitido através de formas simbólicas de vários tipos”. Esse tipo de estudo investiga também os contextos sociais nos quais as formas simbólicas são empregadas e organizadas. O investigador está interessado em determinar se tais formas estabelecem ou sustentam relações de dominação. Para Eagleton (1994), o estudo da ideologia tem que levar em conta a variedade de teorias e teóricos que têm examinado a relação entre o pensamento e a realidade

---

<sup>5</sup> Nos anos 1960, muitos estudiosos adotaram uma perspectiva mais crítica nos estudos da linguagem. Entre os primeiros estava Pêcheux (1982[1975]), cujo enfoque tinha raízes nos trabalhos dos teóricos russos Bakhtin (1981) e Volosinov (1973), já que ambos haviam postulado uma integração entre a linguagem e os processos sociais nos anos 1930. O termo em si aparentemente foi cunhado por Jacob Mey (1974).

social. Todas essas teorias partem do princípio de que “existem razões históricas específicas para que as pessoas passem a sentir, raciocinar, desejar e imaginar como o fazem” (1994, p. 15)<sup>6</sup>.

As teorias críticas, portanto também a LC e a ACD, possuem uma posição especial como guias para a ação humana. Elas objetivam a produção de conscientização e da emancipação. Tais teorias buscam não apenas descrever e explicar, mas também expor um tipo particular de engano. Ainda que adotem conceitos diferentes de ideologia, as teorias críticas pretendem despertar nos agentes a consciência de que, com frequência, eles são enganados a respeito de suas próprias necessidades e interesses. Esse tema, é claro, também foi explorado pelos conceitos de Pierre Bourdieu de “violência simbólica” e “*meconnaissance*”. Um dos objetivos da ACD é ‘desmistificar’ os discursos decifrando as ideologias.

Para a ACD, a linguagem não é poderosa em si mesma – ela adquire poder pelo uso que os agentes que detêm poder fazem dela. Isso explica porque a LC com frequência adota a perspectiva dos que sofrem, e analisa criticamente a linguagem daqueles que estão no poder, que são responsáveis pela existência de desigualdades, e que também dispõem dos meios e oportunidades para melhorar as condições gerais.

Em conformidade com seus predecessores na teoria crítica, a ACD enfatiza a necessidade de um trabalho interdisciplinar de forma a alcançar uma compreensão mais completa de como a linguagem funciona, por exemplo, na constituição e transmissão do conhecimento, na organização das instituições sociais, e no exercício do poder.

---

<sup>6</sup> Segundo a escola de Frankfurt, as diferenças entre teorias científicas e teorias críticas se articulam em torno de três dimensões (veja em ANTHONISSEN, 2001 uma discussão sobre esse tema). Primeiro, elas diferem em seu objetivo ou propósito, e, portanto também na forma como podem ser usadas. As teorias científicas têm como objetivo a manipulação bem sucedida do mundo externo: elas possuem um ‘uso instrumental’. As teorias críticas almejam tornar os ‘agentes’ conscientes de coerções ocultas, permitindo assim que eles se livrem dessas coerções e alcancem uma posição que lhes permita determinar onde se encontram seus verdadeiros interesses. Segundo, as teorias científicas e críticas se diferenciam em termos de estruturas ‘cognitivas’. As teorias científicas são ‘objetificantes’ na medida em que podemos distinguir entre a teoria e os objetos aos quais a teoria se refere. A teoria não faz parte do ambiente do objeto que descreve. Uma teoria crítica, por outro lado, é ‘reflexiva’ na medida em que sempre faz parte do mundo do objeto que descreve. Essas teorias tratam, em parte, de si mesmas. Terceiro, as teorias críticas e as científicas diferenciam-se em relação ao tipo de evidências capazes de determinar se elas são ou não aceitáveis. Assim, esses dois tipos de teorias requerem tipos distintos de confirmação.

Uma importante perspectiva em ACD é que, muito raramente, um texto é resultado do trabalho de apenas uma pessoa. As diferenças discursivas são negociadas nos textos; elas são regidas por diferenças de poder que são, elas mesmas, em parte codificadas e determinadas pelo discurso e pelo gênero. Conseqüentemente, os textos costumam ser espaços de luta uma vez que guardam traços de diferentes discursos e ideologias em disputa pelo controle. Uma característica marcante da ACD é sua preocupação com o poder como condição central da vida social, e seus esforços para desenvolver uma teoria lingüística que incorpore essa visão como uma de suas premissas fundamentais. A ACD volta-se não só para a noção das lutas pelo poder e pelo controle, mas também para a intertextualidade e a recontextualização de discursos que competem entre si.

O poder envolve relações de diferença, particularmente os efeitos dessas diferenças nas estruturas sociais. A unidade permanente entre a linguagem e outras questões sociais garante que a linguagem esteja entrelaçada com o poder social de várias maneiras: a linguagem classifica o poder, expressa poder, e está presente onde há disputa e desafio ao poder. O poder não surge da linguagem, mas a linguagem pode ser usada para desafiar o poder, subvertê-lo, e alterar sua distribuição a curto e longo prazo. A linguagem constitui um meio articulado com precisão para construir diferenças de poder nas estruturas sociais hierárquicas. Pouquíssimas estruturas lingüísticas não foram colocadas, em algum momento, a serviço da expressão do poder através de um processo de metáfora sintática ou textual. A ACD está interessada em como as formas lingüísticas são usadas em várias expressões e manipulações do poder. O poder é sinalizado não somente pelas formas gramaticais presentes em um texto, mas também pelo controle que uma pessoa exerce sobre uma ocasião social através do gênero textual. Com freqüência, é justamente dentro dos gêneros associados a certas ocasiões sociais que o poder é exercido ou desafiado<sup>7</sup>.

As formas como alguns dos trabalhos de pesquisa em ACD estão, direta ou indiretamente, relacionados à pesquisa produzida na tradição da teoria crítica, são particularmente evidentes quando consideramos os conceitos centrais com os quais as várias áreas operam, e os fenômenos sociais que elas focalizam. Encontramos

---

<sup>7</sup> A pesquisa recente e estimulante de Christine Anthonissen sobre meios de driblar a censura na África do Sul durante o Apartheid manifesta uma variedade de estratégias lingüísticas e semióticas de poder e resistência (veja uma extensa discussão do conceito de poder em ANTHONISSEN, 2001).

exemplos pertinentes dessa relação na forma como as duas áreas abordam questões como:

- o que constitui o conhecimento;
- como os discursos são construídos nas instituições sociais, e como constroem essas instituições;
- como as ideologias operam nas instituições sociais; e
- como as pessoas obtêm e mantêm o poder dentro de uma dada comunidade.

Algumas respostas para essas questões podem ser encontradas em Wodak e Meyer, 2001.

## **5 QUESTÕES E PERSPECTIVAS ABERTAS**

Com o passar dos anos, surgiram várias questões importantes para a agenda de investigação da ACD, mas que ainda não foram adequadamente discutidas. Gostaríamos de mencionar algumas que são centrais, e que também são discutidas em Meyer, 2001.

1. problema da como operacionalizar as teorias, e de como relacionar a dimensão lingüística com as dimensões sociais (o problema da mediação).
2. A teoria lingüística a ser aplicada: é freqüente vermos o uso de um conjunto desconectado de indicadores e variáveis lingüísticas na análise de textos, sem que essa análise esteja sustentada por noções teóricas e por uma teoria gramatical.
3. A noção de 'contexto', que com freqüência é definida ou de forma muito ampla, ou de forma muito restrita: de quanta informação precisamos para analisar textos, e qual é o impacto causado pelas teorias?
4. A acusação de parcialidade – como justificar e validar certas leituras do texto?
5. Ainda não conseguimos tornar a inter ou transdisciplinaridade uma parte realmente integral das análises textuais.



## REFERÊNCIAS

- ANTHONISSEN, C. **On the effectiveness of media censorship**: linguistic, paralinguistic and other communicative devices of media regulation. Tese (Doutorado) – Universidade de Viena, 2001.
- BAKHTIN, M. **The dialogic imagination**. Austin: University of Texas Press, 1981.
- BENKE, G. Diskursanalyse als sozialwissenschaftliche Untersuchungsmethode. **SWS Rundschau**, n. 2, p. 140-162, 2000.
- BERNSTEIN, B. **The structuring of pedagogic discourse**. London, Routledge, 1990.
- BILLIG, M.; SCHEGLOFF, E. A. Debate: critical discourse analysis and conversation analysis. **Discourse and society**, v. 10, n. 4, p. 543-582, 1999.
- BLOMMAERT, J.; BULCAEN, H. Critical Discourse Analysis: an overview. **Annual anthropological review**. (no prelo)
- \_\_\_\_\_; VERSCHUEREN, J. **The diversity debate**. London: Routledge, 1999.
- CHOMSKY, N. **Syntactic structures**. Gravenhage: Mouton, 1957.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**. Edimburgo: Edinburgh UP, 1999.
- CONNERTON, P. (Ed.). **Critical sociology**: selected readings. Harmondsworth: Penguin, 1976.
- de BEAUGRANDE, R. A.; DRESSLER, W. U. **Einführung in die textlinguistik**. Tübingen: Niemeyer, 1981.
- EAGLETON, T. (Ed.). **Ideology**. London: Longman, 1994.
- FAIRCLOUGH, N. Critical and descriptive goals in discourse analysis. **Journal of Pragmatics**, n. 9, p. 739-763, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Language and power**. London: Longman, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Critical discourse analysis**. London: Longman, 1995.
- \_\_\_\_\_; KRESS, G. **Critical discourse analysis**. Mimeo, 1993.
- \_\_\_\_\_; WODAK, R. Critical discourse analysis. In: VAN DIJK, T. A. (Ed.). **Discourse as social interaction**. London: Sage, 1997. p. 258-284.

Do que trata a ACD - um resumo de sua história...

FAY, B. **Critical social science**. London: Polity Press, 1987.

FOWLER, R. Critical linguistics. In: HALMKJAER, K. (Org.). **The Linguistic encyclopaedia**. London; New York: Routledge, 1991. p. 89-93.

\_\_\_\_\_. **Linguistic criticism**. 2. ed. Oxford: Oxford UP, 1996.

\_\_\_\_\_; et al. **Language and control**. London: Routledge & Kegan Paul, 1979.

HABERMAS, J. **Technik und wissenschaft als ideologie**. Frankfurt: Suhrkamp, 1969.

\_\_\_\_\_. **Erkenntnis und interesse**. Frankfurt: Suhrkamp, 1977.

HALLIDAY, M. A. K. **The linguistic sciences and language teaching**. London: Longman, 1970.

\_\_\_\_\_. **Language as social semiotic**. London: Arnold, 1978.

\_\_\_\_\_. **An introduction to functional grammar**. London: Arnold, 1985.

HYMES, D. Models of interaction of language and social life. In: GUMPERS, J. J.; HYMES, D. (Eds.). **Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1972. p. 35-71.

IEDEMA, R. **Interactional dynamics as social change: planning as morphogenesis**. Tese (Doutorado) – Universidade de Sydney, 1997.

\_\_\_\_\_. Formalizing organizational meaning. **Discourse & society**, v. 10, n. 1, p. 49-66, 1999.

JÄGER, S. **Kritische discoursanalyse: Eine einföhrung**. Duisburg: DISS, 1993.

KRESS, G. (Org.). **Halliday: system and function in language**. Oxford: Oxford UP, 1976.

\_\_\_\_\_. History and language: towards a social account of linguistic change. **Journal of Pragmatics**, v. 13, n. 3, p. 445-466, 1989.

\_\_\_\_\_. Critical Discourse Analysis. **Annual Review of Applied Linguistics**, n. 11, p. 84-97, 1990.

\_\_\_\_\_. Against arbitrariness: the social production of the sign as a foundational issue in critical discourse analysis. **Discourse & society**, v. 4, n. 2, p. 169-191, 1993.

\_\_\_\_\_; HODGE, R. **Language as ideology**. London: Routledge & Kegan Paul, 1979.

\_\_\_\_\_; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. London: Routledge, 1996.

KRINGS, H. et al. **Handbuch philosophischer Grundbegriffe**. Munique: Kösel, 1973.

- LABOV, W. **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LEVINSON, S. **Pragmatics**. Oxford: Oxford UP, 1983.
- MARTIN, J. **English text: system and structure**. Amsterdam: Benjamins, 1992.
- \_\_\_\_\_; HASAN, H. (Eds.). **Language development: learning language, learning culture**. Norwood, N J: Abex, 1989.
- MARTÍN-ROJO, L. ; VAN DIJK, T. "There was a problem, and it was solved!" Legitimizing the expulsion of "illegal" immigrants in Spanish Parliamentary discourse. **Discourse & society**, v. 8, n. 4, p. 523-567, 1997.
- \_\_\_\_\_; WHITTAKER, R. (Orgs.). **Poder-decir o el poder de los discursos**. Madrid: Arrecife, 1998.
- MEY, J. **Whose language?** Amsterdam: Benjamins, 1985.
- MEYER, M. Between theory, method, and politics: positioning of the approaches to CDA. In: WODAK, R.; MEYER, M. (Eds.). **Methods of critical discourse analysis**. London: Sage, 2001. p. 14-31.
- MUNTIGL, P. et al. (Eds.). **European Union discourses on un/employment: an interdisciplinary approach to employment policy-making and organizational change**. Amsterdam: Benjamins, 2000.
- O'NEILL, J. **Kritik und Erinnerung**. Frankfurt: Suhrkamp, 1979.
- PÊCHEUX, M. **Language, semantics and ideology**. London: Macmillan, 1982.
- PEDRO, E. R. (Org.). **Discourse analysis**. Lisboa: Colibri Editions, 1997.
- REISIGL, M.; WODAK, R. **Discourse and discrimination: rhetorics of racism and anti-semitism**. London; New York: Routledge, 2001.
- SCOLLON, R. **Mediated discourse: the nexus of practice**. London: Routledge, 2001.
- THOMPSON, J. B. **Ideology and modern culture**. Cambridge: Polity Press, 1990.
- TITCHER, S. et al. **Methods of text and discourse analysis**. London: Sage, 2000.
- VAN DIJK, T. **Text and context: explorations in the semantics and pragmatics of discourse**. London: Longman, 1977.
- \_\_\_\_\_. **Prejudice in discourse: an analysis of ethnic prejudice in cognition and conversation**. Amsterdam: Benjamins, 1984.
- \_\_\_\_\_. (Ed.). **Handbook of Discourse Analysis**. London: Academic Press, 1985. v. 4: Discourse Analysis in Society.

Do que trata a ACD - um resumo de sua história...

\_\_\_\_\_. **Racism in the press**. London: Arnold, 1986.

\_\_\_\_\_. (Ed.). **Discourse as social interaction**. London: Sage, 1997.

\_\_\_\_\_. **Ideology: a multidisciplinary approach**. London: Sage, 1998.

VAN LEEUWEN, T. Genre and field in critical discourse analysis. **Discourse & society**, v. 4, n. 2, p. 193-223, 1993.

\_\_\_\_\_. The representation of social actors. In: CALDAS-COULTHARD, C.R.; COULTHARD, M. (Eds.). **Texts and practices: readings in Critical Discourse Analysis**. London: Routledge, 1996. p. 32-70.

\_\_\_\_\_; WODAK, R. Legitimizing immigration control: a discourse-historical analysis. **Discourse studies**, v. 1, n. 1, p. 83-118, 1999.

VOLOSINOV, V. I. **Marxism and the philosophy of language**. New York: Seminar Press, 1973 [1928].

WODAK, R. Introduction. In: WODAK, R. (Ed.). **Language, power and ideology**. Amsterdam: Benjamins, 1989. p. i-ix.

\_\_\_\_\_. **Disorders of discourse**. Harlow: Longman, 1996a.

\_\_\_\_\_. Critical linguistics and critical discourse analysis. In: VERSCHUEREN, J. (Ed.). **Handbook of pragmatics**. Amsterdam: Benjamins, 1996b. p. 207-210.

\_\_\_\_\_. Does sociolinguistics need social theory? New perspectives on critical discourse analysis. **Discourse & Society**, v. 2, n. 3, p. 123-147, 2000.

\_\_\_\_\_. The discourse-historical approach. In: WODAK, R.; MEYER, M. (Orgs.). **Methods of Critical Discourse Analysis**. London: Sage, 2001. p. 63-94.

\_\_\_\_\_; MEYER, M. (Orgs.). **Methods of Critical Discourse Analysis**. London: Sage, 2001.

\_\_\_\_\_; VAN DIJK, T. (Eds.). **Racism at the top: parliamentary discourses on ethnic issues in six European states**. Klagenfurt: Drava, 2000.

\_\_\_\_\_; et al. **The discursive construction of national identity**. Edimburgo: Edinburgh UP, 1999.

(Texto republicado – sem data de tramitação)

---

**Title:** What CDA is about – a summary of its history, important concepts and its developments

**Author:** Ruth Wodak

**Abstract:** This article presents an overview of the studies in the area of Critical Discourse Analysis (ACD). To begin with, I explain the meaning of the terms CDA and CL (Critical Linguistics), and how a 'scientific peer group' was formed, involving the pioneers in CDA. Next, I outline a brief history of CL and CDA as a new area of discourse studies, and move on to define some key terms in the field, such as 'critical', 'ideology' and 'power'. Finally, I point out some open questions and perspectives.  
**Keywords:** critical discourse analysis; critical linguistics; ideology; power.

**Titre:** De quoi concerne l'ACD – un résumé de son histoire, de ses concepts importants et de ses développements

**Auteur:** Ruth Wodak

**Résumé:** Cet article présente une rétrospective des études dans le domaine de l'Analyse Critique du Discours (ACD). Tout d'abord, j'explique le sens des mots ACD et LC (Linguistique Critique), et aussi comment fut formé un groupe scientifique d'études réunissant les précurseurs de l'ACD. Ensuite, j'esquisse une brève histoire de la LC et de l'ACD comme un nouveau champ d'études discursifs, et je passe alors à la définition de notions clés pour le champ, comme 'critique', 'idéologie' et 'pouvoir'. Finalement, je fais cette rétrospective désignant quelques questions et perspectives encore ouvertes dans ce champ.

**Mots-clés:** analyse critique du discours; linguistique critique; idéologie; pouvoir.

**Título:** De qué trata la ACD – un resumen de su historia, conceptos importantes y sus desarrollos

**Autor:** Ruth Wodak

**Resumen:** Este artículo ofrece una retrospectiva de los estudios en el campo del Análisis Crítico del Discurso (ACD). Inicialmente, explico la significación de los términos ACD y LC (Lingüística Crítica) y cómo se ha formado un grupo científico de estudio reuniendo a los precursores de la ACD. A continuación, trazo un breve histórico de la LC y de la ACD como un nuevo campo de estudios discursivos, para, luego, pasar a la definición de nociones claves para el campo, como 'crítica', 'ideología' y 'poder'. Finalmente, encierro esa retrospectiva llamando la atención para algunas cuestiones y perspectivas aún abiertas dentro del campo.

**Palabras-clave:** análisis crítico del discurso; lingüística crítica; ideología; poder.